

O Estigma do Absurdo

SÉRGIO CARVALHO

Professor do Centro de Educação Física e Desportos da
Universidade Federal de Santa Maria (RS)

GLAT, Rosana. *Somos iguais a vocês...; depoimentos de
mulheres com deficiência mental*. Rio de Janeiro: Agir: 1989.
224p.

A tese de doutorado intitulada “Somos iguais a vocês; depoimentos de mulheres com deficiência mental”, defendida pela Prof^a Rosana Glat em 1988, junto ao Centro de Pós-Graduação em Psicologia (ISOP), da Fundação Getúlio Vargas, originou o livro de mesmo nome, num dos raros casos de textos escritos e defendidos academicamente e publicados em forma “*ipsis litteris*”.

Este estudo divide-se em oito partes, a saber: Introdução, História de vida, Pesquisa de Campo, Os Espaços de Vida, Relacionamentos, Independência ou Dependência?, Deficiência Mental, Conclusões: A vida Excepcional, e discute fundamentalmente a deficiência mental e as suas implicações e conseqüências estigmatizantes no contexto social brasileiro. Não quero dizer com isto que “privilégio” é exclusivamente nosso. Mas é a realidade. A nossa realidade.

A autora introduz o leitor nas relações causa-efeito do “ser social”, da sua identidade, do seu autoconceito e de como estas relações dependem das percepções e representações sociais assumidas pelos outros que não o indivíduo, seja ele deficiente mental, no caso, ou dito normal.

Claro está, aí, o florescimento do primeiro estigma, ou melhor, na primeira tentativa de ajuste ou normalização do indivíduo na sociedade.

Se, no caso, aceito pelo indivíduo ou pelos seus pares, as suas ações

passam a ser interpretadas em função do seu desvio e não como uma manifestação espontânea, passível portanto de erros ou acertos do (s) seu (s) ato (s).

Percorre a autora por este caminho, até fazer uma confissão de extrema importância e utilidade aos profissionais e pais que na área trabalham ou por ela se interessam, qual seja: a reflexão dos seus quase quinze anos de trabalho na área da deficiência mental e da sua percepção (felizmente) de que estava na “viagem errada”. Sua postura era “elitista enquanto acadêmica e maternalista enquanto clínica”. Ela se “redime do erro” no entanto, quando efetivamente pára e ouve o que os consumidores do seu saber tem a lhe dizer.

Na história de vida, a segunda parte, faz a introdução ao método desenvolvido no estudo e a justificativa do mesmo, no caso, da história de vida das pessoas com deficiência mental, buscando o aprendizado dos elementos gerais do método e não na análise das particularidades históricas ou psicodinâmicas dos sujeitos entrevistados.

Na terceira parte, foi identificado o grupo, trabalhado o local de residência, as entrevistas, a coleta dos dados propriamente dita e a análise de seu conteúdo. A quarta parte, a autora destinou à delimitação dos espaços de vida dos seus entrevistados, suas rotinas, a inclusão dos mesmos em oficinas de trabalho, a escolaridade dos mesmos, as atividades complementares e as sócio-recreativas, as refeições realizadas, a profissão dos familiares e seus relacionamentos.

Prolonga-se até a quinta parte o relacionamento do deficiente mental, considerando aqui, fundamentalmente, a sua relação afetiva emocional com pessoas de sexo diferenciado. Na sexta parte, é abordado o tema independência ou dependência? Relaciona o desejo dos entrevistados em realizar ações concretas como: querer sair sozinho, sair ou ficar vendo televisão, o saber ler e o querer trabalhar fora.

A deficiência mental como definição e como estigma está contida na sétima parte.

Em minha opinião, o estudo passa a ser mais “saboroso” simplesmente porque, nesta parte, a autora colhe depoimentos que, ao invés de nos espantarem enquanto sociedade constituída, nos deixam entre perplexos e interessados nas relações diárias deste tipo de clientela.

Na oitava e última parte, nas conclusões, apesar das variações encontradas de sujeito para sujeito nas questões mais relevantes como família, amigo, namorado, integração social, etc., todos compartilhavam da mesma condição, ou seja, eram pessoas portadoras de deficiência mental.

A superproteção impede também que estas pessoas experienciem os riscos e desafios normais da vida cotidiana em sociedade, e o que é fundamental, os resultados da presente pesquisa demonstram a falácia do mito de que todas as pessoas com deficiência mental formam um grupo

homogêneo, qualitativamente diferente do resto da população, levando à inferência de que cada história original de vida contada, relatada, ou transcrita é única e pessoal.

Como esta obra é decorrência do cumprimento de uma formalidade acadêmica, delimitada, por conseguinte, e apesar de considerar apenas uma realidade, a do Rio de Janeiro, acredito ser ela extremamente útil não só para a Educação Especial, mas para todas as áreas do conhecimento humano, principalmente, aquelas que compõem o complexo saúde.